

A valorização da história e cultura afro-brasileira por Luiz Carlos da Vila

Maria Angélica Ventura Ferreira¹

Introdução

A valorização da História e cultura afro-brasileira por Luiz Carlos da Vila no CD Raças Brasil em 1995 no Rio de Janeiro é o título deste trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em História da África e do negro do Brasil.

Encontraremos na obra a música popular brasileira, especificadamente o samba, como fonte principal. Buscaremos como fonte inspiradora alguns sambas do já saudoso Luiz Carlos da Vila . Analisaremos através de suas letras a sua visão da História e a cultura afro-brasileira.

A música será a nossa fonte de linguagem e aprendizagem. Faremos dela o nosso elo com a oralidade africana. Segundo Hampâte Ba, autor africano “a tradição oral é a grande escola da vida”, a oralidade é transmitida dos mais velhos, os sábios para os jovens. Como os mais velhos têm uma maior sabedoria em relação a vida, fazem nascer nos mais novos o aguçamento da aprendizagem e dos segredos da vida².

Demonstraremos a contribuição grandiosa que o cantor e compositor Luiz Carlos da Vila deu a nossa história e cultura. Os elementos principais do contexto em seus sambas que procuro evidenciar são : a presença africana, a cultura e a história do Brasil e a herança afro-brasileira.

Nós, brasileiros, somos descendentes diretos dos habitantes mais sofridos no mundo , os africanos. Destes, muitos foram arrancados de sua terra natal, para serem escravizados e trazidos para o Brasil – Colônia ,desde o século XVI. Estes foram alvos dos interesses econômicos europeus que por sua vez acabaram culminando na transformação da cultura africana.

1 Pós-graduada em História da África e do Negro no Brasil - Universidade Candido Mendes

² O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra.

A África, como sabemos é um continente, mas não é uma unidade, é absolutamente heterogêneo, pois esta dividida em várias etnias, costumes, línguas, religiões, culturas diversas. E por sua vez, a vinda à força para as Américas afetou profundamente seus costumes. Ao longo dos anos, os africanos e seus descendentes e os mestiços, para se adequarem ao sistema sofreram um processo de adaptação. Períodos de vastas lutas, tanto internas (consigo próprios), como externas, à procura da conquista da liberdade.

E finalmente em 1888, através de incontáveis formas de manifestação em prol da liberdade, conquistaram definitivamente seus objetivos. Porém, o que veio adiante da Lei Áurea não foi a resposta querida. Humilhações como racismo, falta de oportunidades no mercado de trabalho e na sociedade foram alguns itens que fizeram e fazem ainda parte da história do Brasil.

Luiz Carlos da Vila mostrará em suas letras o negro não como vítima passiva da situação ao qual se encontrava mas como agente da História. Uma história narrada de baixo para cima, valorizando e exaltando a brilhante atuação do negro na sociedade brasileira e o samba sendo nossa principal fonte de pesquisa. O samba será altamente importante e afirmador na construção da sociedade brasileira. De uma certa forma foi e é uma resposta aquela sociedade que desprezava a etnia negra, com conceitos estrategicamente racistas, o samba torna-se o cartão de visitas à estrangeiros e os próprios brasileiros com o passar do tempo assimilaram a importância do samba para a formação da nossa identidade.

A música como objeto de estudos históricos

Segundo Myriam Chiménes, raros são os musicólogos que identificam a música, como um fato histórico. Por sua vez os historiadores não trabalham, a música, como linha de pesquisa devido a dificuldade em seu acesso e a suposta complexidade em fazer perguntas a este objeto. Implicitamente o historiador deveria ser um estudioso da área para poder ler as partituras. Apesar da suposta dificuldade em relação a sua acessibilidade, os historiadores analisam a música como inserida na história cultural e neste trabalho não será diferente.³

A História Cultural é uma História plural, por apresentar várias alternativas para investigação histórica. Temos, como exemplo, Carlo Guinzburg que enfoca a História popular e a circularidade cultural.

³ No que se referente ao campo historiográfico cultural a nova História Cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular. Nova consciência, convém frisar, entre a história cultural e das mentalidades: o distanciamento em relação à chamada história das idéias, história do pensamento formal, da filosofia ou grandes pensadores (FLAMARION, 1977: pag).

A metodologia utilizada para a análise de textos será a hermenêutica, enquanto ciência da interpretação interna, ou seja todo documento transmite um discurso, ao qual pesquisaremos e analisaremos algumas músicas de Luiz Carlos da Vila do CD Raças Brasil de 1995 e focalizaremos em seus sambas o texto, o contexto e o extratexto.

O artigo ao qual me baseei nos mostra que durante muitos anos a música ficou fechada para si.⁴

Eu proponho através da Valorização da História e cultura afro-brasileira por Luiz Carlos da Vila no CD Raças Brasil em 1995 no Rio de Janeiro, trabalhar com alguns sambas selecionados e são eles:

- Raças Brasil (Carlos Sena e Luiz Carlos da Vila)
- Nas veias do Brasil (Luiz Carlos da Vila)
- Treze de maio (Bandeira Brasil / Luiz Carlos da Vila)
- Kizomba (A festa da Raça) (Jonas/ Rodolfo e Luiz Carlos da Vila).

O objetivo deste trabalho é afirmar que a música, pode ser utilizada como interdisciplina, em relação aos estudos históricos e culturais no trabalho apresentado, tendo em seu contexto elementos afro-brasileiros, como veremos mais adiante nas letras acima selecionadas.

O samba na história da música brasileira

A música do Brasil se formou através da influência de elementos trazidos pelos colonizadores portugueses e os escravos africanos. Segundo José Ramos Tinhorão em Os sons dos negros no Brasil: “na realidade a herança que pensávamos ser africano – que deu origem africano – brasileira na realidade é um prolongamento de uma herança negro portuguesa”.

Pois em muitas obra,s há a repetição excessiva de que a música brasileira é originária da África, conseqüentemente dos africanos. Porém, Tinhorão, abordou um fato que dificilmente é abordado. A origem da música brasileira é africana e

⁴ Há 15 anos a concepção da disciplina se alargou, em particular sob o impulso do compositor e filósofo Hugues Dufort que criou no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) um laboratório cujo programa tinha como objetivo desenvolver pesquisa em história social da música. Em Londres, agosto de 1997, ocorreu o 17 Congresso da Sociedade Internacional de Musicologia que captou uma forte e importante “tendência” as transformações, ou seja a música estava se desprendendo dela mesma e por isso começou-se a utilizar as interdisciplinidades e com isso ampliaria da questão musical para a social, a política, a histórica, as artes, a economia.

também portuguesa, já que as duas etnias mantinham contato no continente africano.

Este é um gênero musical, que nasceu de algumas designações, que ao longo do tempo veio a sofrer transformações, até chegar ao seu estágio final O SAMBA.

O samba nasceu na Bahia. E a partir do século XIX, com a vinda de negros baianos para o Rio de Janeiro, esse gênero musical teve e tem, até hoje século XXI um espaço significativo na cultura e história brasileira, principalmente a carioca. Chegando no Rio de Janeiro o samba sofreu algumas transformações. Recebeu uma nova roupagem ou seja características urbanas. Berço do samba carioca, a Pedra do Sal, situado no bairro da Saúde foi um dos locais, de excelência importância para a afirmação histórica e cultural negra.

Abaixo análises de diferentes autores em relação a origem do samba.

Segundo Mozart Araújo, a palavra tenha sido derivado de “semba”, oriunda da África, e tem o significado de embigada. E seria , a evolução do batuque, jongo e lundu, de origem africana também . Já Mário de Andrade, nos informa que a Espanha no século XVI, já usava o termo, zamba .Que se relaciona aos sambas dos negros, que ele viu no carnaval do Brás de 1930 a 1932. Sendo adotado pelos brancos rurais, como forma de dança, elementos rítmicos e melódicos.

Estudos mais recentes, como o de Nei Lopes, aponta a origem banta do samba. O termo foi utilizado também na região do rio do Prata, como samba e semba.. Tendo o significado de folguedo, mais conhecido como candomblé. Muniz Sodré, contemporâneo do último autor, defende a tese de que o samba substituiu maxixe. O encontrão, dado geralmente com o umbigo (semba, em dialeto angolano), serviria para caracterizar esse rito de dança e batuque, e que mais tarde dar-lhe o nome genérico: samba.

As afirmações são variadas. Encontramos autores, que afirmam que a sua gênese foram, o lundu e o maxixe.

O lundu, foi o primeiro nome de dança popular e mais tarde música popular. As primeiras fontes históricas, referentes ao lundu são do século XVII. Já o maxixe surgiu no Rio de Janeiro na 2ª metade do século XIX. E é denominado como uma dança popular, conhecido como sendo um tipo de baile. Pois o par é enlaçado diferente do lundu, onde encontraremos os pares ,separados.

Umbigada, batuque, cateretê, fado e xiba são algumas designações referentes ao samba. O samba na Bahia era conhecido como coisa de roça. Pois os negros trabalhavam em lavouras e plantações , no interior da capital, por isso havia a associação com a roça ou seja ao meio rural. O jornal pernambucano *O Carapuço* de 3.2.1938, se referia a dança do samba, como diversão da gente da roça, contrastando com o lundu chorado.

As manifestações culturais dos negros não eram bem-vistos pela sociedade. Principalmente as autoridades brancas. Como forma de resistência, esses negros nunca desistiram e não se intimidaram com tais truculências.

Na Praça Onze, localizada no Rio de Janeiro, havia uma residência bastante freqüentada em prol dos batuques, era a casa de tia Ciata ou Hilária Batista de Almeida. Nesta época, século XX, os ialorixás, babalorixás, babalaós eram conhecidos como tios e tias. Segundo freqüentadores, da casa de tia Ciata: o cômodo da frente ou seja na sala eram realizados os bailes e nos fundos, os sambas e no terreiro, os batuques.

O ocorrido na história brasileira, após a Abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, foi um processo excludente da população negra. O projeto dos abolicionistas, era a de, posteriormente a liberdade dos negros, não os desamparar. Pois estariam livres mas com a condição de serem cidadãos plenos. Itens como, educação e terra eram a base para que essa população, tão sofrida iniciasse o papel de verdadeiros cidadãos. Porém o que realmente ocorreu, não foi o esboço dos abolicionistas. Com a Proclamação da República em 15.11.1889, a situação dos ex-escravos foi de mal a pior. Criou-se um estado de exclusão, onde a sociedade, de uma certa forma, retalhou as oportunidades de trabalho, educação e política para os libertos, e estes continuaram, com o sonho de liberdade, pois o que ocorreu, foi a passagem de se tornarem libertos de seus senhores para permanecerem presos ao Estado.

A cultura negra, durante o fim do século XIX e o início do XX, fora bastante repreendida e discriminada. A cultura era manifestada porém velada. A capoeira foi uma prática muito ameaçada no Governo Provisório. As danças e as músicas negras, eram subjugados como elementos libidinosos. Pois as religiões, herdadas dos escravos africanos, cultuavam suas divindades e aqui com o sincretismo, foi dado origem aos orixás que eram vistos como coisa do pecado. A Igreja ainda era bastante influente neste período.

Por mais, que este trabalho acadêmico, esteja inserido na historiografia musico-cultural, não há como omitir a política. Até porque será através dela, que iremos entender a passagem do samba como característica de origem negra e anteriormente discriminada a símbolo nacional do Brasil.

Samba e conjuntura política brasileira

A mudança para a aceitação do samba, como característica de identidade brasileira, se deu a partir dos anos 20, do século XX. Período de transformações nas esferas políticas, econômicas e sociais, conseqüências do pós-guerra 1914 – 1918. O Brasil, sofria influências européias, da Bella Epoque francesa, porém o verdadeiro Brasil não combinava com as tentativas de se ajustar ao mundo

européu fictício. O clima e a população não faziam parte do contexto praticamente imposto pela elite brasileira, principalmente a carioca. E o que deveria realmente, acontecer, era se aceitar como brasileiro. Acabar com o sonho de se transformar em europeus. Havia a necessidade da autenticidade. Os artistas paulistas expuseram e expressaram a inevitável mudança da ideologia da sociedade brasileira iniciada na Semana de arte Moderna de São Paulo em 1922.

O contexto político brasileiro, sofria, os reflexos da Quebra da Bolsa de Nova York e a nossa principal economia exportadora, era o café. Com o crack da Bolsa, os países exportadores, cessaram a compra da cultura cafeeira e como resultado, houve o encalhamento de milhares de sacas de café. Chegara ao fim, a conhecida, República Velha ou República das Oligarquias iniciada em 1894. Este fato, deu origem a Política-do-café com leite, onde o governo revezava, entre políticos de São Paulo e Minas Gerais. A oposição, inconformada com a situação, se reuniram. Lideranças mineiras e nordestinas uniram-se para disputar as eleições presidenciais, era a Aliança Liberal. Seus candidatos foram: à presidência Getúlio Vargas e vice-presidência João Pessoa que foram apoiados pelos tenentes. No entanto Júlio Prestes saiu vitorioso.

A Aliança Liberal o acusou de fraude. O governo conseguiu derrubá-lo, em função do assassinato de João Pessoa, como consequência Washington Luís foi deposto em 24.10.1930. Após a deposição de Washington, os militares assumiram o poder e posteriormente entregaram o Governo à Getúlio Vargas que, decretou estado de sítio, instalando a lei de segurança nacional, com amplos poderes. O Estado passava a ser centralizado.

Não iremos nos aprofundar, na questão política. Mas se observarmos, os sambas das décadas de 30, do século XX, exaltavam a boa vida, sem esforço ou seja a vida em torno da boêmia, da malandragem, e citamos como exemplos os sambas: O bonde São Januário e Lenço no pescoço de Wilson Batista.

Uma das principais características, do Governo de Vargas, foi a exaltação ao trabalhador, a carteira assinada, símbolo de um cidadão completo e que este viu, a oportunidade nas comunicações. De ali a mais importante veículo de comunicação, da época, o rádio, para a divulgação e a expansão da moralidade do governo getulista. Tendo como órgão encarregado o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda).

Nos idos dos anos 40, teremos o início do crescimento industrial brasileiro. Um dos maiores destaques da Era Vargas e que consolidou, o samba, como uma das principais características do Brasil. Mas a legitimação do samba, como símbolo da identidade nacional, se deu, de forma planejada e estratégica. Há, várias hipóteses, referente a sua passagem de um gênero musical, relacionado ao marginal, até se transformar como principal característica, da nacionalidade brasileira. Com o crescimento e o fortalecimento da indústria

brasileira, investia-se cada vez mais no rádio, e com isso a indústria radiofônica e fonográfica. Em “O mistério do samba”, encontraremos Peter Fry, afirmando:

que originalmente, quando o samba era produzido e consumido pelo povo do morro era severamente reprimido pela polícia e forçado a se esconder no candômlé, então considerado ligeiramente mais aceitável. Com o tempo, entretanto a importância crescente do carnaval provocou a transformação da repressão em apoio ao manifesto (Fry, 1982:51).

Para, não estendermos mais a adesão e a aceitação do samba pela sociedade brasileira, de uma certa maneira, a afirmação acima, nos deixa evidente que a música, neste caso, o samba, sofreu transformações que encontram-se relacionadas como produto cultural de massa. Na realidade o gênero musical sofreu modificações, para se adequar ao regime centralizador de Getúlio Vargas.

Manipulados e coagidos os sambas e os sambistas deixaram de exaltar a malandragem, a vida no morro, a ginga de driblar as dificuldades da vida, para exaltar o verdadeiro cidadão brasileiro, na ótica da política de Getúlio Vargas: trabalhador e moralista. Dá-se início a valorização das coisas brasileiras, a miscigenação, ao verde e o amarelo, ao povo brasileiro e convenhamos que fora uma estratégia extremamente convincente, que superficialmente deu certo, pois a realidade dos negros continuava a ser a mesma, os subalternos de sempre.

Como Roberto Da Matta descreve em O mistério do samba:

“ Não haveria necessidade de segregar o mestiço, o mulato, o índio e o negro, porque as hierarquias asseguram a superioridade do branco como grupo dominante” (Da Matta, 1981:75).

Samba: A gradativa passagem de música discriminada à símbolo nacional e sua função de socialização

Apesar das intempéries que atravessaram o samba, talvez a maior importância de toda essa trajetória, desde sua origem passando pelas dificuldades e transformações devido a sua assimilação e a sua adaptação foi o fato, do seu resultado final: samba símbolo nacional brasileiro. E então o povo brasileiro soube e sabe representar muito bem esse papel.

Mas como já foi demonstrado anteriormente, o esforço e a luta dos negros para com o samba é um fator determinante de resistência e perseverança. Pois sendo discriminado, marginalizado e moldado pelas autoridades, o samba permaneceu, com seus elementos estruturais como a sincopa, o ritmo e a ginga, sem dizer o seu papel sócio – cultural. Neste caso o samba tem uma função, de

ser o intermediador , proporcionando , enfatizando e valorizando um sistema social e cultural, que muitos não conheciam e passaram a ter conhecimento através da música o samba .Elementos do cotidiano, da vida no morro, das dificuldades do dia a dia. O ser negro em uma sociedade hierarquizada e conseqüentemente diferenciada, embutida as questões raciais e racistas sofridas e que apesar de uma vida sofrida , com muita luta e dificuldade souberam e sabem tirar proveito das situações. Ai é inserida as reivindicações sociais e as oportunidades, principalmente no mercado de trabalho .

O samba ,é responsável pela função agregadora, pois suas rodas são associadas a extensão da casa, ou seja, não há lugar para o indivíduo e sim para o coletivo. Se o samba é a extensão da nossa casa, nas rodas de samba encontraremos a família. E se observarmos veremos um pouco além. O samba proporciona um ambiente democrático - negro, branco, pobre, rico todos encontram-se em um mesmo contexto. Digo isso generalizando, o foco central são os componentes do espaço onde o samba é realizado⁵.

Os tempos mudaram, reivindicações foram acatadas , houve de certa maneira melhoras socialmente descrevendo, mas ainda há muito o que modificar. Continuamos sendo, os apontados, os do fim da fila, resumindo a minoria. E isso faz com que cada vez mais, lutemos e não desistamos, de colocar os nossos rostos estampados, como exemplo de mudança.

E um dos personagens ,que fizeram parte da nova geração de sambistas, da década de 80 e um dos colaboradores dessa mudança foi, o nosso eterno da Vila, personagem ativo do trabalho em questão.

No decorrer , focaremos o papel das Escolas de Samba e as modificações ocorridas para até mesmo melhor esclarecer e ajudar a entender a trajetória de Luiz Carlos no espaço do samba.

Luiz Carlos da Vila: vida, trajetória e sua inserção no samba

“ Em princípio , uma contracapa me parece um lugar muito pequeno para fazer apresentações de um talento tão grande como o de Luiz Carlos da Vila. É impossível colocar num simples espaço de papel toda a genialidade de um homem que traz na carne a sensibilidade do poeta e a harmonia do compositor.

_ Quem é o cara?

⁵ “Entre uma cerveja e outra, a roda foi se formando. As pessoas se acomodaram e pôde-se notar uma hierarquia no ambiente. Se havia ali simpatizantes, professores e jornalistas, ficou claro que todos aguardavam sinais de comando que deviam vir especialmente dos responsáveis pela harmonia”. MOURA, Roberto M. (1972), TITULO. São Paulo, Difel.

Como seu nome já diz, Luiz Carlos é compositor da Unidos de Vila Isabel, com vários sucessos já consagrados pelo público. Vencedor de dois festivais de samba de quadra e vencedor do samba enredo que levou sua escola ao título de Campeã do grupo 1B em 1980, Luiz Carlos começou sua carreira na Continental Discos. Traz em sua bagagem musical sucessos inesquecíveis gravados por Beth Carvalho, Martinho da Vila, conjunto Nosso Samba, etc...

Agora, cabe à RCA o privilégio de reunir num LP a riqueza de suas letras já gravadas, a intensidade de suas novas músicas e o brilhantismo de suas interpretações, que certamente serão do agrado de todos. Tenho certeza de que o público vibrará e cantará com ele suas canções, fazendo deste álbum um dos lançamentos mais importantes do ano. A decisão de Hécio do Carmo, de grava-lo, não causou surpresas pois trata-se de um artista, que naturalmente terá seu espaço dentro da Música Popular Brasileira.(...)”.

José Sobral – Diretor de Programação das Rádios Ipanema e Nacional FM. Esta foi a contra-capta do disco de Luiz Carlos da Vila, intitulado com o nome do cantor/compositor em 1983 pela RCA. Foi o primeiro LP de muitas obras posteriormente criadas. Realmente ele foi e sempre será o nosso poeta lembrado por suas obras musicais inesquecíveis como Kizomba - A festa da raça, Nas veias do Brasil, A luz do vencedor, O sonho não acabou, Além da razão, o show tem que continuar dentre outros.

Luiz Carlos, Luiz Carlos Baptista, Luiz Carlos da Vila ou simplesmente Carlinhos. O dia 21 de julho de 1949 não seria mais o mesmo para D. Esmerilda e Sr. Francisco, pois nesse dia veio ao mundo uma estrela, que anos mais tarde iria brilhar no mundo da música, mais precisamente no âmbito do samba.

Nasceu no Rio de Janeiro, no bairro de Ramos ,famoso pela estação de trem da Leopoldina, subúrbio carioca, berço e recanto de figuras ilustres, da música brasileira, como Pixinguinha, Paulo César Pinheiro, Mano Décio da Viola. Com 2 anos de idade , sua família se mudou para um novo bairro em formação :Vila da Penha de onde originou o seu nome artístico.

A música entrou em sua vida ainda menino, influenciado por uma de suas tias, a tia Nelly que tocava acordeon. Pois é , o futuro sambista foi despertado por um instrumento que não fazia parte do meio do samba e sim das músicas do Norte e Nordeste do Brasil. Por volta dos seus quase 30 anos, resolveu que o samba faria parte de sua vida. E sua profissão seria a de cantor/compositor, deixaria para trás os estudos ,pois chegou a ingressar a faculdade de Engenharia e a vida burocrática do Ministério da Fazenda – Serpro, para seguir o seu coração, a paixão pela música popular o Samba. Também pudera , o ar musical fazia parte da família Ventura,que eram moradores de Ramos.Seus avós maternos se casaram ao som dos futuros menestréis; Os 8 Batutas, tendo como um de seus integrantes, Pixinguinha. Por fontes orais obtive

que o Sr. Manuel – avô de Luiz Carlos trabalhou na casa de Carmem Miranda , como encerador, pois na época o chão das casas eram lustrados por pessoas e não por equipamentos elétricos.

Parece que a música corria em suas veias .Veias estas que intitularia uma de suas composições, Nas veias do Brasil, anos mais tarde.

No fim da década de 1970, mais precisamente em 1977, passou a freqüentar o lendário Cacique de Ramos , tendo sua origem em Ramos, mas como o espaço ficou inadequado, devido o crescimento dos freqüentadores, fora mudado para um bairro vizinho, Olaria.

O Cacique de Ramos era o reduto dos futuros bambas cariocas ,onde surgiram nomes como Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Sombrinha, Almir Guineto, Neoci, Beto Sem Braço, Jorge Aragão , Marquinhos China, Dida ,Luiz Carlos da Vila entre outros. Beth Carvalho , sambista renomada frequentava o Cacique , geralmente às quartas – feiras. Lá todos os participantes tinham a oportunidade de cantar e ouvir os sambas tocados e inéditos. Através da madrinha Beth Carvalho foram lhes abertas as portas até ao sucesso, para muitos, que ali além da musicalidade passaram a mensagem devida . Pois como o samba de Nelson Sargento diz: o “samba agoniza mais não morre”.

Cacique de Ramos e GRAN : engajamento sócio-cultural e político

Para nos familiarizarmos, referente ao contexto, faremos uma breve apresentação do Cacique de Ramos e o GRAN – Grêmio Recreativo de Artes Negras Quilombo .

O Bloco Recreativo Cacique de Ramos, foi fundado em 1961, por três famílias : Ubirany, Ubiracy e Ubirajara Felix do Nascimento (Bira Presidente), Alomar, Chiquita, Jorginho, Mauro, Walter Tesourinho e Jelsereno (Serenio), Aymoré e Conceição do Espírito Santo entre outros. Como já mencionado, surgiram vários artistas através do Cacique, inclusive o Grupo Fundo de Quintal. O objetivo desse Bloco foi, de reconstruir o meio social do samba e resgata-lo em sua raiz, de forma que não comprometesse com a sua tradição. Temos como exemplo a introdução de novos instrumentos, conhecidos como percussão e são eles : tantã criado por Sereno, o banjo com braço de cavaquinho por Almir Guineto e o repique de mão por Ubirany.

Já o Grêmio Recreativo de Artes Negra Quilombo teve, sua fundação em 1975 e sendo seus fundadores : Candeia, Juarez Barroso, Lena Frias, Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Monarco, João Batista Vargens e Jorge Coutinho . A sua criação, foi uma resposta ao que as Escolas de Samba estavam se tornando, um produto para a venda, simplesmente uma mercadoria. Tanto o Cacique de Ramos

quanto o GRAN tinham a conscientização do papel que as agremiações estavam sendo transformadas.

As Escolas de Samba : de amadora à profissional

As Escolas de Samba estavam se transformando em vitrines, para outros tipos de apreciadores. Pessoas que não estavam engajadas com o cotidiano da comunidade e o objetivo dessa conversão era apreciada, principalmente para o mercado fonográfico, focando sem objeções, somente os lucros . A cultura ficara em segundo plano. E de uma certa forma os redutos dos sambas de rodas que foram criados, buscavam garantir e manter a característica tradicional da socialização, partindo novamente para a idéia do coletivo e não da individualização.

Ressalto que focaremos adiante de forma sintética a formação das Escolas de Samba .

A escola de samba é uma agremiação popular , recreativa e musical que de início tinha a finalidade de participação no carnaval. É popular desde o seu início, já que na época, meados do século XIX as Grandes Sociedades tinham como componentes as classes médias; comerciantes, intelectuais, artistas .Diferente dos ranchos carnavalescos, onde tinham como participantes, operários de fábricas. A criação das Escolas de Samba fora muito influenciado pelos ranchos, já que possuía características populares . A estrutura da formação das escolas, encontra-se na população marginalizada, os afro-brasileiros, pois eram integrados por pessoas, sem profissões definidas ou seja indivíduos oriundos do meio rural para o urbano , decorrente da Abolição da escravatura. Essas pessoas, como já mencionado anteriormente, foram responsáveis pela resistência e manutenção da cultura afro-brasileira. Graças aos tios e tias, mesmo com muitos transtornos, ocorreu de forma gradativa e difundida a tentativa de permanência dos valores da tradição afro-brasileira. Tendo seu início já no Rio de Janeiro , na Pedra do Sal, localizada na Praça Mauá, sendo transferida para os bairros adjacentes, devido a política de coação, relacionada as manifestações, tanto culturais quanto sociais adentraram o subúrbio carioca. Esse deslocamento ocorreu na gestão do prefeito Pereira Passos entre 1902 a 1906, no governo do presidente Rodrigues Alves. O prefeito obteve ajuda do sanitarista Oswaldo Cruz, que foi responsável pela Revolta da Vacina ocorrida em 1904. Pereira Passos ,objetivava urbanizar a cidade, para isso acontecer, derrubou muitos cortiços e abriu ruas mais largas, como é o caso hoje da Avenida Rio Branco, conhecida na época como Avenida Central. A sua intenção era deixar o Rio de Janeiro, com características francesas, a Bella Epóque. Enfim havia também o interesse de saneamento básico, já que havia uma grande proliferação de doenças como febre amarela, peste bubônica e varíola.

Existem formulações de que havia um interesse nessas modificações urbanísticas, com o efeito de segregação. Foi o início da separação da zona norte e zona sul. Seria mais uma forma de demonstrar diferenças entre as classes sociais cariocas.

Os sambistas se reuniam próximo a Escola Normal, situada na esquina da Rua Machado Coelho com a rua Joaquim Palhares, e assim foi projetada pelo grupo de sambistas dar-lhe o nome de Escola de Samba. Motivo este que os sambistas do Estácio argumentavam de certa maneira a sua superioridade sobre os outros foliões do Rio de Janeiro e para prová-la chamaram o seu bloco de Escola de Samba, inicialmente com o nome de Deixa Falar, em 12.08.1928, assim aconteceu com o *Vai como pode* de Osvaldo Cruz fundado em 1923, mas só se tornou Escola em 1935 quando foi sugerido o nome Portela. Por meio dessa breve história, fica evidente o papel das Escolas de Samba junto a população, que contribuiu na sua formação e instituição, principalmente de forma cultural.

A partir da década de 60 há a percepção de que as Escolas de Samba estavam sendo moldadas pois passaram do estado amador para o profissional. Neste período ocorreu a chamada “revolução plástica”, ou seja a preocupação com a estética e a introdução de artistas plásticos para as composições das Escolas.

Os integrantes internos começaram a se manifestar, temos como exemplo Candeia que se desligou da Portela por não concordar com as mudanças na matriz tradicional, também já abordada a respeito. “Com outras palavras, em 1979, o compositor Marimbondo repete a queixa no já citado documentário *Escola de samba*. Quando sobem os créditos, ele está cantando Erro fotográfico: “Minha escola de samba cresceu/o terreno hoje tem cobertura/quem ficou pequenino fui eu/diante da nova estrutura/eu, quem fundou a escola, entre trancos e barrancos/hoje, na galeria de sócios/no lugar do meu nome tem um branco”, trecho extraído do livro *E no princípio*, era a roda de Roberto Moura e com essa pequena demonstração nos é resumida a função de que as Escolas de samba se tornaram, infelizmente.

A trajetória do samba nos anos 80 e o papel da músicas de LCV na sociedade brasileira inclusive a negra

Relatamos um pouco a história da origem das Escolas de Samba, para ajudar a assimilar o papel dos movimentos culturais, criados na década de 60 e 70 do século XX, como foi o caso do Cacique de Ramos e o GRAN para fazermos um elo que levará os seus objetivos ao surgimento da nova geração de sambistas e então voltaremos a focar o nosso personagem principal Luiz Carlos da Vila. Pois através desses movimentos ligados não somente a música, teremos também

inserido, o seu lado político e sócio-cultural. E para dar conta do recado Luiz Carlos uma peça ainda nova no âmbito do samba nos idos do início dos anos 80 soube expressar o que realmente sentia, e se passava naquela época e que

E digamos de passagem, fora um período em que a música popular brasileira, incluindo o samba passava por certa dificuldade em relação ao mercado fonográfico e da propaganda. Afinal de contas o que ocorria nesta época era a febre do rock tanto nacional quanto o internacional, sem dizer que o Brasil estava saindo da “Era da Disco”. A caminhada para a continuidade do samba não foi uma tarefa muito fácil, a mídia o deixou a margem . Porém com persistência durante muitos anos o samba agüentou . Uma música do Luiz Carlos da Vila, fala sobre a relação da liberdade e aqui vai uma pequena estrofe de *Meu canto*: Meu canto é o tal passarinho que não quer gaiola e as cordas da minha viola não vão violar, se eu caio levanto e guardo na minha caixola, a razão dessa vida escola e boto no samba pro povo cantar ...” realmente foi um período muito trabalhoso principalmente para o samba , pois mesmo que a mídia quisesse enclausurar o samba , os bambas fizeram o percurso contrário para não se deixarem dobrar e r para não deixar morrer a cultura oriunda do povo, da classe desfavorecida e que talvez a música fosse um dos raros veículos de comunicação para além de mostrar sua história , reclamar seus direitos.

“Da Vila” foi um estrategista da música popular, seus sambas são riquíssimos, tinha o dom de escrever letras com um requinte dos compositores de outrora, talvez tenha sido influenciado por cantores e compositores da época de ouro, das rádios como Pixinginha, Donga e Ataulfo Alves entre outros. O resultado são verdadeiras poesias, composições com traços marcante. Fica claro, a facilidade que tinha com a escrita e acabava tornado o simples em lindas mensagens de amor, como em *Além da Razão* de Luiz Carlos da Vila/ Sombra e Sombrinha : “Por te amar eu pinte, um azul do céu se admirar, até o mar adocei e das pedras leite eu fiz brotar...” .Essa música lhe rendeu o Prêmio Sharp de melhor música do ano em 1989.

Também possuía um lado sarcástico e em algumas composições encontraremos vestígios de sátiras como em *Sem endereço* de Arlindo Cruz e Luiz Carlos da Vila “ E lá vai ela , dizendo até nunca mais, estou naquela, vivendo à sombra dos ais(...) Eu gastei toda a poesia, que eu fazia à toa de Carlos Drumond e Fernando Pessoa, mas ela resolve me abandonar, é a paga que ela me dá por tanto apreço, vai embora e não deixa se quer seu endereço”.

Era realmente um orador, sabia utilizar as palavras de forma consciente e as colocava na hora certa e no lugar exato. Suas letras possuíam características, políticas, sociais, históricas e culturais. Esses dois últimos elementos são a base da nossa pesquisa historiográfica e demonstraremos que suas músicas , seus sambas podem contribuir tanto para os estudos históricos quanto culturais Pois as

músicas que utilizaremos como nossas fontes possuem em suas letras conteúdos que focam a História e a cultura afro-brasileira de uma forma que visa, a sua valorização e o seu enaltecimento perante a sociedade brasileira que durante muitos anos da sua História fora distorcida, aonde os afro-brasileiros eram vistos como simples e frágeis vítimas dos usurpadores de suas forças de trabalho.

A valorização da História e cultura afro-brasileira por Luiz Carlos da Vila em seus sambas

Raças Brasil (Carlos Sena e Luiz Carlos da Vila)

A falta de luz
Não tira do samba o seu estrelato
Mantém o compasso no brilho do prato
Vivendo e mantendo a sua cadência
O samba conduz
E ele reluz a verdade de fato
É pulso de aço, merece um bom trato
O samba vai sendo a voz da resistência
O samba é cultura, ele é curador
Tem a estrutura de um grande amor
É coisa divina e coisa igual ninguém viu
O samba enlaça a soma das raças Brasil
O samba enlaça a soma das raças Brasil
O samba é umbanda, é quimbanda
É pagode, é também candomblé
Lambada, maxixe, baião, frevo e afoxé
É coisa divina e coisa igual ninguém viu
O samba enlaça a soma das raças Brasil
O samba enlaça a soma das raças Brasil
A falta de luz
Não tira do samba o seu estrelato...
...O samba é cultura
Ele é curador
Tem a estrutura
De um grande amor
É a porção mais pura de uma mistura que surgiu
O samba enlaça a soma das raças Brasil,
Brasil!
O samba enlaça a soma das raças Brasil!

O samba demonstra e enfatiza, pois aparece mais de uma vez que ele, o samba sofreu um processo de tentativa de esquecimento mas como possui luz própria, brilhantismo extremo de raiz, com a persistência conseguiu se manter.

O samba por fazer parte de uma cultura ligada aos afro descendentes e em sua maioria inserida na classe desfavorecida economicamente, sofreu grandes

preconceitos porém apesar de todas as barreiras impostas é um símbolo de resistência da cultura afro-brasileira. Se tornou símbolo nacional, fazendo parte da identidade do povo brasileiro. Há um trecho da letra que diz :” o samba é coisa divina” e associamos a relação da música com a oralidade africana, pois a música é o elo entre as pessoas, ou seja é através da música e neste caso o samba que é transmitida a mensagem aos ouvintes. E como está atribuída ao samba a sua característica agregadora e coletiva, ele também é responsável por sua qualidade de socialização. Faz com que as 3 raças , o branco, o negro e o índio se unam por meio da música, o samba. “o samba enlaça a soma das raças Brasil”.

Nas veias do Brasil (Luiz Carlos da Vila)

Os negros
Trazidos lá do além mar
Vieram para espalhar
Suas coisas transcendentes
Respeito ao céu , à terra e ao mar
Ao índio veio juntar
O amor , a liberdade
A força de um baobá
Tanta luz no pensar
Veio de lá a criatividade
Tantos o preto velho já curou
E a mãe preta amamentou
Tem alma negra o povo
Os sonhos tirados do fogão
A magia da canção
O carnaval é fogo
O samba corre
Nas veias desta Pátria Mãe Gentil
É preciso atitude de assumir a negritude
Pra ser muito mais Brasil

Luiz Carlos da Vila abordou nesta letra , a história dos negros africanos trazidos como escravos da África para o Brasil e que contribuíram com a formação do povo brasileiro, ocorrendo a miscigenação, decorrente da união das 3 etnias , o branco, o negro e índio.

Uma das características presentes na base dos africanos era o respeito que tinham referente a natureza, que é a representação da vida e que no Brasil junto com os índios foram escravizados, não na mesma proporção que os negros, porém ambos se uniram a favor da liberdade.

Na letra também é retratado o baobá, uma grande árvore da família das bombáceas, originária da África tropical e que possui uma representação muito forte relacionada a sabedoria e o conhecimento. De uma certa forma , essa sabedoria mesclada com as várias estratégias para a sua sobrevivência (a dos negros escravizados) como a adaptação a nova terra e a assimilação de símbolos ligadas a ancestralidade , conseguiram vencer o sistema que os aprisionaram.

Encontraremos personagens importantes da história dos negros , como o preto velho que é uma entidade da religião da umbanda que são apresentados como espíritos purificados de antigos escravos e estão relacionados a sabedoria e a bondade, são os ancestrais e são responsáveis pela transmissão dos valores. Já a mãe preta é conhecida por servir na casa do Senhor por cuidar de seus filhos e também de amamentar os seus e possuía um papel fundamental dentro de casa por passar a sua cultura para as crianças mesmo que involuntariamente.

E a mensagem transmitida na música ,é que o povo brasileiro tem sua raiz negra e que o samba – elemento cultural oriundo dos negros está no sangue, está na veia do Brasil e dos brasileiros. E para se assumir como negro, é necessário ter atitude de se mostrar quem realmente é. Ser negro é ter orgulho de sua etnia e não ter vergonha de se assumir como tal.

Treze de maio (Bandeira Brasil e Luiz Carlos da Vila)

Benedito é treze de maio
E que bendito seja esse dia
Marco de um tempo escravo
Que o preto no branco exigia
Aquele que diz que o negro
Sequer liberdade exigiu
Gente que não sabe nada
Da História do Brasil
Nunca ouviu falar de Palmares
Nem sequer de Zumbi e Ganga Zumba
Mas na hora do aperto
Vai logo correndo pra macumba
Benedito é treze de maio...
A Divina lei tem espaço
Em toda e qualquer conjuntura
Porém, tem quem vem com embaraço
De ter que apor assinatura
E de Chica da Silva, a audácia
E de Anastácia – a santa – obstinação
Somente a negligência
Não vê a exigência
Da libertação

Esta música ambientaliza principalmente o dia 13.05.1888, marco da liberdade. Dia da Abolição da escravatura. Na música é retratado etapas do processo que culminou na libertação dos escravos. São Benedito aparece simbolizando o dia 13 de maio, pois é representante da etnia , pois era negro e se tornou leigo em 1564 e foi canonizado em 1807.

É relatado o erro, a omissão referente a verdadeira História. A história de que os negros não eram seres omissos e vitimizados ou então desordeiros. Eram pessoas que foram trazidas para o Brasil como escravos, perdendo desta forma a sua liberdade de viver.

Encontramos no decorrer da música, ícones negros da História do Brasil-África:

- Zumbi - Foi um dos líderes do Quilombo dos Palmares que obteve uma maior evidência, situado em Pernambuco, na Serra da Barriga, no século XVII,
- Ganga Zumba – líder anterior a Zumbi que fez negociação com as autoridades locais, saiu de Palmares e morreu envenenado
- Chica da Silva – Francisca da Silva de Oliveira, ex-escrava, casa-se com o contratador João Fernandes – contemporânea ao ciclo do ouro.
- Escrava Anastácia – nascida em Roma e fora martirizada durante o período de perseguições contra os cristãos na época em que Diocleciano reinava, entre os séculos III e IVa.C – Fora queimada e decapitada por se declarar cristã e tinha como objetivo amparar os necessitados.

O Quilombo dos Palmares foi o maior quilombo, fundado no Brasil e nele se concentraram negros em sua maioria, mas também mestiços e brancos pobres.

Infelizmente ainda deparamos com pessoas possuidoras de uma mentalidade preconceituosa e racista. E tentam diminuir e menosprezar a cultura e o homem descendente de africanos, mas os próprios que desprezam, no momento em que precisam de um auxílio espiritual, vão se consultar aos orixás e há a informação de que os negros africanos trouxeram para o Brasil seus orixás e construíram através da assimilação, o sincretismo, originando a umbanda e o candomblé.

E assim foi abordada a omissão que fizeram na História brasileira referente aos negros, não demonstrando o caráter defensivo e ofensivo que utilizaram com determinada supremacia, uma estratégia para que pudessem manter de forma sincrética a sua religião e cultura. A música transmite a mensagem de que os negros foram os verdadeiros responsáveis por conquistar a sua liberdade de volta.

Kizomba (A festa da Raça) – (Jonas, Rodolfo e Luiz Carlos da Vila)

Valeu Zumbi!

O grito forte dos Palmares

Que correu terras, céus e mares

Influenciando a Abolição

Zumbi, valeu!

Hoje a Vila é Kizomba

É batuque, canto e dança, jongo e Maracatu

Vem, menininha ,pra dançar o Caxambu

Ô ô!ôô! Negra mina

Anastácia não se deixou escravizar

Ô ô! Ô ô! Clementina

O pagode é um partido popular

O sacerdote ergue a taça
Convocando toda massa
Neste evento que congraça
Gente de todas as raças
Numa mesma emoção
Esta Kizomba é nossa Constituição
Esta Kizomba é nossa Constituição
Que magia
Reza ageum e orixás
Tem a força da cultura
Tem a arte e a bravura
E o bom jogo de cintura
Faz valer seus ideais
E a beleza pura dos seus rituais
Vem a lua de Luanda
Para iluminar a rua
Nossa sede é nossa sede
De que o Apartheid se destrua

Este foi o enredo do G.R.E.S Unidos de Vila Isabel de 1988, ano da comemoração do centenário da Abolição da escravidão e muito importante no âmbito político, pois foi promulgada a nova Constituição, que tinha como objetivo tornar evidente a transformação do sistema governamental brasileiro, que acabara de passar de um regime autoritário para o democrático.

O nome da música é Kizomba (A festa da raça). Kizomba significa um ritmo musical africano, originário de Angola. A festa da raça, por ser uma celebração, exaltação dos negros, dos afro-brasileiros, descendentes dos africanos. O responsável pelo enredo foi Martinho da Vila e este samba foi escrito decorrente dos 100 anos da Libertação dos escravos.

A música é iniciada com agradecimento a Zumbi – um dos líderes mais evidentes do Quilombo dos Palmares na História do Brasil, lutou com a comunidade, em favor da liberdade e foi uma grande influência para o processo de libertação dos negros escravos.

A Vila aparece como uma festa, pois é a própria representação da liberdade. Aparecem Anastácia a escrava e Clementina de Jesus – cantora negra descoberta por Hermínio Bello de Carvalho e apresentada no teatro jovem e foi incorporada ao elenco do Rosa de Ouro em 1965, começando sua carreira aos 63 anos .

O pagode surge na letra como um gênero musical , o partido popular por ter surgido do meio do povo . E toda a população, o negro, o branco e o índio ou seja a miscigenação era convidada a participar desta festa, a Kizomba.

Afirma-se que a Kizomba é a nossa Constituição, pois como mencionado anteriormente em 1988 foi promulgada a nova Constituição. É demonstrado que

os negros e seus descendentes com a fé nos ageuns e nos orixás – resultado do sincretismo religioso, através da resistência e manutenção de sua cultura, conseguiu-se chegar aos seus ideais.

A lua de Luanda que é capital de Angola ajuda a iluminar a rua onde em 1988 os ensaios da Escola de Samba eram feitos, pois não possuíam quadra já que a perdeu em uma forte enchente próxima do período de carnaval. Mas a vontade de ganhar era tanta que a comunidade se uniu em prol desse objetivo. E na última frase da música é pedido que o Apartheid seja destruído pois foi um sistema adotado pelos brancos que detinham o poder nas mãos e fora utilizado desde 1948 na África do Sul era uma forma de separação, havia lugares divididos para brancos e para negros e foi abolido em 1990 por Frederik de Klerk.

Considerações Finais

Para concluirmos o trabalho apresentado, eu não poderia deixar de homenagear o nosso poeta e mestre do samba. Em Fevereiro de 2009 foi inaugurado o Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila em Manguinhos pelo governo do Estado do Rio de Janeiro e sugestão do então governador Sérgio Cabral.

É muito gratificante saber que uma pessoa que era do povo e afro-descendente, lutou e cantou em prol da manutenção da História e cultura afro-brasileira permanecerá através da memória. Luiz Carlos nos deixou um legado vasto apesar de ter partido tão cedo em 20.10.2008, aos 59 anos e aqui deixarei mais uma mensagem composta por ele cujo o nome é *A Graça do mundo*, no Compact Disc, lançado em 1981 com o título de Horizonte Melhor.

O conteúdo da letra é riquíssimo por justamente explicitar a questão da divisão, da coletividade, da agregação de que o mundo necessita, pois sozinhos não chegaremos a lugar algum, em todos os sentidos, na âmbito social, político, no cotidiano. Mas como o nosso tema é o samba, então fica evidente que, para o samba permanecer é necessário que todos se unam em prol da sua manutenção, não deixando nunca que esse gênero musical oriunda do povo e mais precisamente dos negros africanos e dos afro-brasileiros morra, pois o samba deixando de existir culminará no desaparecimento da nossa contribuição para a formação cultural da sociedade brasileira.

A Graça do mundo (Luiz Carlos da Vila)

Eu não pretendo pra mim
Toda graça do mundo
Minha primeira instrução foi saber dividir
Dividir o meu pão com um amigo um irmão

Dividir o sorriso e a minha canção
E assim dividindo eu somo alegrias ao meu coração
Eu respeitei cada homem a sua verdade
Mas não de convir que a felicidade
Não tem nada haver com o fechar das mãos
Esta aí a natureza
Dividir conosco
A gente usufrui e nem paga imposto
Pena que muitos não querem saber
Por isso eu chamo atenção
Ao bom senso comum
Vamos um por todos
E todos por um
Chegar a um acordo por um bom viver

Bibliografia

- ALVES, Andréa Ribeiro e MARQUES, Silvana. (2006), *O samba é meu dom*. Rio de Janeiro, Sarau Agência de Cultura Brasileira Ltda.
- BLANC, Aldir & SUCKMAN, Hugo & VIANNA, Luiz Fernando. (2004), *Heranças do samba*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra.
- CHIMÈNES, Myriam. (1998), “Musicologia e História. Fronteira ou “terra de ninguém” entre duas disciplinas?”. *Revue de Musicologie*, Tomo 84, no. 1, pp.67-78.
- LOPES, Nei. (2004), *Enciclopédia Brasileira da Diáspora africana*. Rio de Janeiro, Selo Negro
- MOURA, Roberto. (2004), *E no princípio, era a roda – Um estudo sobre samba, partido-alto e outro pagodes*. Rio de Janeiro, Rocco.
- MUNIZ, Sodrê. (1998), *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro, 2 ed Maud
- SANDRONI, Carlos. (2001), *Feitiço Decente. Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro, Zahar.
- TINHORÃO, José Ramos. (2008), *Os sons dos negros no Brasil*. São Paulo, Ed.34
- ZERBO, J.Ki. (1982), *História Geral da África*. São Paulo, Ática/Unesco